

Ano V, Num 01  
Edição Janeiro – Junho 2014  
ISSN: 2179-6033  
<http://radioleituras.wordpress.com>

## PRI-7: Achegas para uma historiografia do rádio no Centro-Oeste

Miguel Angelo Corrêa<sup>1</sup>

### Resumo

Resgate da história da primeira emissora de rádio de Campo Grande, MS, e uma das mais antigas em atividade no país, a PRI-7, atual Difusora Pantanal AM 1240 kHz, tendo como perspectiva as tradições de oralidade na transmissão da cultura, conforme colocado por Paul Zumthor.

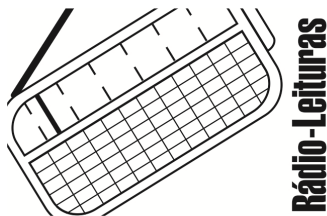
**Palavras-chave:** Rádio, História, Mato Grosso do Sul

Diferente do que acontece com a maioria das inovações tecnológicas ao longo da história, o surgimento da primeira emissora de rádio campo-grandense foi relativamente próximo à disseminação da novidade pelo planeta. No auge da chamada “Era do rádio”, em pleno vinte e seis de agosto de 1939, quatro dias antes do início “oficial” da Segunda Grande Guerra, a “Sociedade Rádio Difusora Campo Grande Limitada” transformou a cidade numa das poucas do país que não era capital e tinha ondas eletromagnéticas moduladas em amplitude circulando por sua atmosfera<sup>2</sup>. A

---

<sup>1</sup> Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal Mato Grosso do Sul – UFMS; Pós-graduando em Cultura e História dos Povos Indígenas EAD/UFMS; Graduado em Administração de empresas (UFMS); Graduado em Comunicação (UFMS); Técnico em eletrônica; Jornalista e Documentarista. Email: [miguelangelocorrea@gmail.com](mailto:miguelangelocorrea@gmail.com)

<sup>2</sup> Diferente do que aparece no site da emissora (DIFUSORA, 2014) e ao contrário do que afirmam VERUSCA e REZENDE (1994), e FREIRE e PINTO (2012, p.64-68), Campo Grande não foi a primeira cidade do Mato Grosso (uno) a ter uma emissora de rádio. Em 1930 Carlos M. Mônaco montou “A Voz de Corumbá”, inaugurada em 13 de junho de 1935 (Cf. MOREIRA, 2010, p. 7); em 13 de fevereiro de 1934, Deodato G. Monteiro fundou a emissora Cuiabana “Rádio Sociedade de Cuyabá” (Cf. MONTEIRO, 1992, p.61 apud LOPES, 2003, p. 6); e em 20 de setembro de 1936 foi fundada, em Corumbá, a Rádio Difusora Mato-Grossense (Cf. OTA, 2006, p. 74).



## **PRI-7: Achegas para uma historiografia do rádio no Centro-Oeste**

Miguel Angelo Corrêa

“Cidade Morena” contava então cerca de trinta e cinco mil habitantes, ainda não tinha esse apelido e, embora sua elite já desejasse se desvencilhar do distante e oneroso norte do estado, somente se tornaria capital em 1979, após a formalização da divisão do Estado de Mato Grosso, concedida em 1977, por conveniência política, pelo governo Geisel, em plena ditadura militar.

A Junta Comercial do Estado de Mato Grosso do Sul registra que Pedro Marinho de Mello e Pedro Marinho de Mello Junior constituíram a emissora num Tabelião carioca no dia primeiro de fevereiro de 1939, para operar em Campo Grande, MS, com cem wats (sic) e com sede no Rio de Janeiro, e não faz nenhuma referência ao nome de Peri Alves Campos. Os historiadores, acadêmicos e a imprensa em geral, entretanto, são unânimes em conferir a esse cuiabano a inauguração da rádio na data do quadragésimo aniversário de fundação da cidade.

Peri Alves Campos é um personagem pouco conhecido atualmente, mas foi um oftalmologista peculiar, com pendores intelectuais, bastante atuante na primeira metade do século passado no, então, Mato Grosso uno. Além de “oculista”, como se usava dizer à época, foi historiador, jornalista, administrador, colecionador, radialista, redator da revista *Civilização* (NUNES, 2014), e da revista *Folha da Serra* (RODRIGUES, 1989, p. 49), membro correspondente da Academia Matogrossense de Letras, dentre outras artes, atividades e ofícios. Fundou a primeira biblioteca da cidade, cedendo sua coleção de livros e buscando doações de porta em porta, para então abri-la à comunidade em 1940, com um total de 5000 volumes.

O historiador José Barbosa Rodrigues (1989) conta que procurou, durante anos, um exemplar do primeiro jornal de Campo Grande<sup>3</sup>, tendo inclusive publicado anúncios pela imprensa:

---

<sup>3</sup> O semanário “O Estado de Matto-Grosso” (sic) teve sua primeira edição em 22 de junho de 1913. J. B. Rodrigues escreveu em 1976, e publicou em 1989 o livro onde comenta todas suas notícias e anúncios.

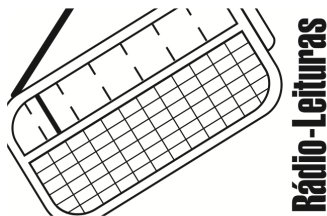
Baldadas já eram minhas esperanças quando encontro um amigo, o médico Dr. Peri Alves Campos, que por anos residiu em Campo Grande, e falou-me da possibilidade de ter, entre velhos guardados daquela época, o exemplar que por tanto tempo procurava. Passado um ano, chega-me pelo correio, o precioso exemplar (RODRIGUES, 1989, p. 12).

Peri foi um dos redatores do “Álbum de Campo-Grande”, em que escreveu uma historiografia<sup>4</sup> da cidade, com alguma isenção, sem pudores em esconder o passado violento e grotesco da região e, surpreendentemente, com certa dose de bom humor. Publicado por ocasião das comemorações dos 40 anos de emancipação do município, em 1939, o Álbum era “uma tentativa de veicular uma imagem positiva de Campo Grande como centro urbano, econômica, política e culturalmente dinâmico, moderno e 'civilizado'” (TRUBILIANO, 2008). Nele, Peri conta que

certo dia de 1897, vindo de Nioaque e conduzido pela mão amável de José Pereira Martins, aqui apeou a mais ilustre visita da temporada - o Dr. James Willard Morris, médico americano, vermelhão, alto, espadaúdo, de olhos azues, e de quem jamais se teve notícias após a sua partida para Goiáz (sic). A autenticidade do título de médico foi contestada posteriormente, mas “Morris trouxera consigo – que belo americano! – uma pequena máquina de escrever, a primeira vista pelos povos da terra. Dessa máquina, guarda o arquivo da Biblioteca Pública”, a seguinte preciosidade científica: ‘Relato da mais antiga autópsia campo-grandense redigida num misto de português, espanhol e latim, constitui um documento de curiosa importância para a história da medicina local. Assistiram ao ato cirúrgico, praticado no corpo dum paraguaio morto de doença da terra...’ (revólver 44) ‘Dona Honória Maria das Dores, que sustinha uma bacia com água, Joaquim Vieira de Almeida, 'médico e farmacêutico' e seu sobrinho e futuro sucessor na Clínica e na Botica, Antônio Norberto de Almeida, cuja atividade cessou com o aparecimento de colegas diplomados, e bem a contragosto da antiga clientela...’ (CAMPOS, 1939 apud GALVÃO, 2014).

---

<sup>4</sup>Possivelmente a primeira historiografia, denominada, ironicamente, “Do 1º rancho à locomotiva 44: Achegas para a história de Campo-Grande”.



## **PRI-7: Achegas para uma historiografia do rádio no Centro-Oeste**

Miguel Angelo Corrêa

Dentre as preciosidades narradas por Peri no “Álbum de Campo-Grande” temos o local do primeiro cemitério da cidade, por volta de 1879: “no canto do atual Jardim Público”. Em 1887 mudaram-no para o bairro Amambaí e, finalmente, em 1914,

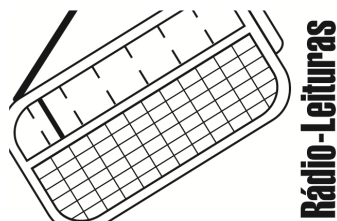
dar-se-ia a segunda transferência, para o atual, em terrenos da fazenda Bandeira, doados pelo prestigioso chefe político Amando Oliveira, nessa ocasião, presidente da Câmara, e que, por ironia da sorte, seria o primeiro a ser nele enterrado, tombado por ferozes e covardes capangas de adversários políticos. Três meses antes os vereadores haviam autorizado o gasto de um conto de réis “para a construção de um cemitério nesta Villa, considerando que o atual já não satisfaz as exigências do nosso progresso moral e material”! O progresso moral... eram as lâminas de facas, os ‘chumbos e outras cousas redondas’ que durante anos ainda ditaram as leis da vila (CAMPOS, 1939, p. 2-4).

Há também a surreal história de José Joaquim de Miranda, primeiro vigário da paróquia, que “assumira o posto a 10-10-912 (sic), iniciando logo... sua vida de bom carteador e político extremado, de cuja cintura pendia respeitável 44 para impor a lei dos homens, enquanto no altar, após noites mal dormidas, pregava a lei de Cristo!”. Um ano depois, foi suspenso pela igreja, mas resistiu a entregar a paróquia ao sucessor. Mesmo depois disso, prosseguiu a agitar a política vilareja e, “na manhã de 16.7.916 (sic), às 7 horas, em sua casa, por um grupo de cavalarianos, foi friamente assassinado. Substituindo os livros de prática religiosa e as imagens do Redentor, o padre trazia consigo, sob o colchão, 7 armas de guerra e 2.000 cartuchos de mauser!” (Ibid. p.7).

Apesar de parecer improvável, os historiadores<sup>5</sup> afirmam que Peri construiu a PRI-7 sozinho. Comprou a concessão de um representante do Ministério da Viação que apareceu na longínqua Campo Grande de 1930 e, em São Paulo, adquiriu

---

<sup>5</sup> Somente Miranda (1999, p.65) afirma que Peri aliou-se a empresários, sem citar a fonte.



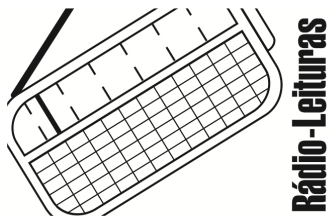
equipamentos velhos da Radio Record, que estavam sendo substituídos. Foi dono, diretor artístico, programador e radialista (DONATO e REZENDE, 1994).

Os entreveros políticos que assolaram a PRI-7 ao longo das décadas e a conhecida dificuldade do país em preservar sua história - intensificada no MS, resultaram no fato de que existe pouca documentação disponível sobre a emissora. Os documentos mais antigos da rádio foram, casual ou propositalmente, destruídos. A maioria das informações foi obtida de fontes que se basearam na história oral, narrada por personagens que participaram dos eventos, colhidas em entrevistas cedidas quando ainda vivos. Sujeita, portanto, aos problemas comuns a esse tipo de fonte como lapsos de memória, omissões, etc.

Baseou-se na perspectiva das tradições de oralidade na transmissão da cultura, colocada por Paul Zumthor. Conforme Zumthor (2005)

“não se duvida que a voz constitua no inconsciente humano uma forma arquetipal: imagem primordial e criadora, ao mesmo tempo, energia e configuração de traços que determinam, ativam, estruturam em cada um de nós as experiências primeiras, os sentimentos e pensamentos” (ZUMTHOR apud GOLIN, 2005, p.265).

Observa ainda, em seus estudos sobre a complexidade da relação entre letra e voz, tanto no ocidente medieval, como no extremo oriente, na África, e no Nordeste brasileiro, a distinção de três tipos de oralidade, correspondentes a três situações de cultura: uma primária e imediata, que não comporta nenhum contato com a escritura; uma que coexiste com a escritura no seio do grupo social, denominada oralidade mista, onde a influência do escrito permanece externa, parcial e atrasada; e uma oralidade segunda, quando se recompõe com base na escritura, num meio onde esta tende a esgotar os valores da voz no uso e no imaginário. Ou seja, a “oralidade mista procede da existência de uma cultura 'escrita' (no sentido de 'possuidora de uma



## **PRI-7: Achegas para uma historiografia do rádio no Centro-Oeste**

Miguel Angelo Corrêa

escritura'), e a oralidade segunda, de uma cultura 'letrada' (na qual toda expressão é marcada pela presença da escrita)" (ZUMTHOR, 2001).

É peculiar a situação de Mato Grosso do Sul: situando-se numa região central do continente, fronteira entre vários países e estados da federação, estando sob influência de culturas diversas, desde as inúmeras etnias indígenas brasileiras, paraguaias e bolivianas, passando pelos intensos fluxos colonizadores e migratórios, apresenta comunidades sofisticadas e tecnológicas, como a capital e, concomitante, comunidades remanescentes de quilombos, isoladas fisicamente e com alto grau de analfabetismo. Nestas últimas, o rádio tem importante papel, sendo um dos únicos elos de ligação com o mundo (JACKS, 2010, p.34). Tendo sido, ainda, palco de um dos maiores conflitos bélicos da história da América do Sul, a chamada Guerra do Paraguai, o estado possibilita a contemporização dos três tipos de oralidade nomeados por Paul Zunthor (2001), justificando o tipo de abordagem utilizado.

Esta pesquisa baseou-se, então, em um apanhado do que, ao longo das últimas décadas, foi levantado por pesquisadores acadêmicos das diversas universidades do MS acerca da história do rádio na região; bem como em textos não acadêmicos, dos Institutos Histórico e Geográfico de MS e MT, Academia Matogrossense de Letras, artigos jornalísticos da região; documentos aos quais foram dadas vistas junto à ANATEL e JUCEMS; além de entrevistas concedidas ao autor. O trabalho de Ota (2000), na comunidade negra Furnas de Boa Sorte, traz depoimentos mais próximos à oralidade primária e imediata (Zumthor, 2001); já pesquisas como as de Donato e Rezende (1994), Cogo (2006), Christofari e Calazans (2009), Mário Luiz Fernandes (2011) - coordenador do único mestrado em Comunicação da região, que publicou levantamento sobre todas as emissoras da época - dentre outros, poderiam se qualificar como uma oralidade de segundo nível; enquanto os restantes se enquadrariam na categoria de oralidade mista (Zumthor, 2001).

Dessa forma, consta que o primeiro prédio da Difusora teria sido um pequeno sobrado localizado na Rua 14 de Julho, entre as ruas 7 de Setembro e 15 de Novembro<sup>6</sup>. Já o historiador Paulo Coelho Machado (1990, p. 47), que parece ter conhecido Peri pessoalmente, dá a entender que este instalou a emissora inicialmente na rua 14 de julho, 1944 (onde hoje é a Galeria São José - Edifício Irmãos Salomão<sup>7</sup>), relativamente próximo à rua Dom Aquino, 524, onde residiu. Antes da construção do edifício havia ali a alfaiataria Cury, o Salão Crystal (FREIRE, 2012) e, antes ainda, um belo prédio com auditório, camarotes, espaço para orquestra, construído por Juvenal Alves Correia Filho especialmente para ser o Cine Trianon.

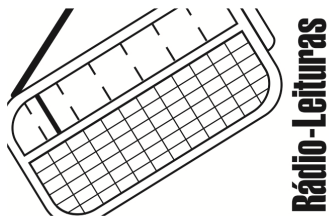
Esse quarteirão já tinha uma “tradição radiofônica”: Machado (1990) conta que, ao lado do cinema, ficava o bar do Wanick, comerciante “sabido e ousado”, que certa vez trouxe de São Paulo o primeiro receptor de rádio da cidade. As emissoras eram fracas e a distância atrapalhava, mas o lugar lotava todas as noites com curiosos que queriam ouvir as músicas do Rio, São Paulo e Buenos Aires:

O bar prosperou, numa explosão, novas mesas e novos preços foram logo providenciados. O aparelho emitia, em som claro, as melhores músicas da moda. Nos intervalos um locutor mandava para o ar anúncios comerciais e indicava o prefixo da emissora. Até que alguém descobriu a tramóia: o Wanick havia instalado apenas uma vitrola no fundo do bar, com discos preparados para emitir os programas radiofônicos, ligada por longo fio ao aparelho receptor, colocado no alto das prateleiras, para que ninguém percebesse o engodo. Houve um quebra-cadeiras, que ficou na história da cidade e o gozador desapareceu para sempre (MACHADO, 1990, p.47).

---

<sup>6</sup> Donato e Rezende (op. cit.) afirmam isso sem citar a fonte.

<sup>7</sup> Maria Garcia (2005, p. 51) confirma esta outra versão, sem citar a fonte.



## **PRI-7: Acheugas para uma historiografia do rádio no Centro-Oeste**

Miguel Angelo Corrêa

Inaugurado em 1932, o Cine Trianon foi um dos principais locais de encontro dos campo-grandenses<sup>8</sup>. Com a concorrência de salas mais modernas o cinema fechou. Reabriu como PRI-7, com programas de auditório capitaneados por Sabino Preza, Paulo Paré, que marcaram época pela novidade e revelaram talentos à comunidade (MIRANDA, 1999, p.65).

Nos três quartos de século de sua existência, a rádio trocou de dono inúmeras vezes e, atualmente, pertence a Rosa Maria Pedrossian e Regina Maura Pedrossian, filhas do ex-governador de MS, Pedro Pedrossian<sup>9</sup>. Encontra-se arrendada desde 2009 pelo jornalista Benedito de Paula Filho<sup>10</sup>, que informou, em entrevista, que sua filha comprou a Difusora e ele a dirige (PAULA, 2014).

Ao longo das décadas, dentre os possíveis proprietários<sup>11</sup>, arrendatários, ou diretores, temos: Pedro Marinho de Mello, Pedro Marinho de Mello Junior, Homero Neuberu de Oliveira, Antonio Pedro Cardoso Terra, Jorge Scorrar Ramos, Edgar Lopes de Farias, Alfredo Aloe, Narcisa Nogueira Martins, Antonio Carlos Martins, Valmiro Martins, Agripino Martins, Luis Landes de Farias, Waldir dos Santos Pereira, João Saad, Humberto Neder, Renê Neder, Antônio Mendes Canale, Edson Contar, Jorge Elias Zahran, Fábio Zahran, João Elias Zahran, Rosa Maria Pedrossian, Regina Maura Pedrossian, Benedito de Paula Filho. Ainda não foi possível descobrir qual o motivo de Peri Alves Campos não constar nos documentos da JUCEMS.

---

<sup>8</sup> Tinha na orquestra músicos regionais e era a maior casa de espetáculos da época. Lá foi lançado o primeiro filme produzido em MS, “Alma do Brasil” de Alexandre Wulfes e Libero Luzardo (PINHEIRO e FISCHER, 2008).

<sup>9</sup> Foi governador de MT, senador de MS, governador nomeado de MS, governador eleito de MS pelos partidos: PSD, ARENA, PDS, PTB, PDT, PST, PMDB e PMN.

<sup>10</sup> Conhecido como B. de Paula, publica o jornal “Boca do Povo” e o site “Boca do povo news”.

<sup>11</sup> A lista não é cronológica, nem é possível garantir sua exatidão, vários documentos estão ilegíveis, confusos ou contraditórios.



Por volta de 1945 Peri vendeu a emissora para o corretor de imóveis Antonio Carlos Martins, que enfartou quando viajava ao Rio de Janeiro, em 1952, para comprar um transmissor mais potente, deixando-a para Valmiro Martins, seu filho. Três anos depois, ela foi novamente vendida ao tabelião Valdir dos Santos Pereira, que depois se elegeu Deputado, e não teria realizado uma boa administração. Houve a primeira greve por salários (DONATO e REZENDE, op. cit., p.57).

Os “apagões” de energia<sup>12</sup>, que eram diários, e a precariedade dos equipamentos, atrapalhavam e atrasavam a transmissão das notícias. Pior, porém, era não poder transmiti-las. Isso virou rotina, após o golpe militar de 1964, e as emissoras Difusora e Cultura<sup>13</sup> tornaram-se “alvos” prioritários. A informação era um produto pouco acessível na capital distante dos grandes centros, e poucos ficaram sabendo do golpe.

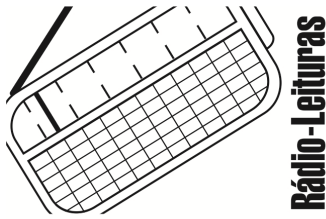
O próprio exército tratou de escondê-lo: Donato e Rezende (1994, p.19) afirmam que o famoso locutor Onésimo Vale do Espírito Santo, criador de programas consagrados, relata que o governo proibiu que qualquer órgão de imprensa comentasse sobre a “revolução”. Todos os jornais e emissoras eram vigiados. O radiojornal ficava sujeito a cortes e modificações, tudo o que poderia questionar a imagem do governo era proibido de ir ao ar e, caso a pessoa voltasse a cometer o mesmo erro, seria presa. Até os elogios eram tratados com cautela. Onésimo afirma que além da censura declarada, meios incomuns eram usados para fiscalizar a imprensa:

somente quando veio o golpe é que eu pude entender o que o Monteiro fazia em Campo Grande, como ele próprio contou pra gente, ele era um espião das forças armadas para saber se existiam comunistas na cidade. O Monteiro trabalhava com a gente, aparecia

---

<sup>12</sup> Segundo consta, faltou energia até na inauguração da emissora. Por estar distante das fontes de geração e distribuição, “apagões” eram corriqueiros no MT. A situação só começa a melhorar na década de 1970, com as hidroelétricas de Jupia e Mimoso (FREIRE e PINTO, 2000, p. 24).

<sup>13</sup> Segunda emissora da cidade, fundada em 9 de dezembro de 1949.



## **PRI-7: Acheugas para uma historiografia do rádio no Centro-Oeste**

Miguel Angelo Corrêa

e desaparecia, durante dias, meses, e voltava a aparecer (DONATO e REZENDE, op. cit., p. 19).

A PRI-7 foi então vendida ao empresário paulista João Saad, dono da rádio Bandeirantes, que também comprou a Cultura (Ibid., p.57). Luis Landes de Farias lembra que nessa época as duas emissoras funcionavam no mesmo prédio na antiga sede do Rádio Clube<sup>14</sup>, e os equipamentos eram precários:

Eu comecei na Difusora como sonoplasta. O Nassura, na época era o gerente da rádio Cultura e Difusora. O interessante é que a Difusora funcionava na cozinha do prédio onde estava a rádio Cultura, e a Cultura era a estrela maior da cidade. [No começo da rádio] era uma loucura, antigamente a mesa de som tinha uma linha física que percorria 2 ou 3 km até o transmissor. Geralmente era um fio telefônico sujeito a raio, chuva, sol. Qualquer transmissão externa os operadores de mesa, sonoplastas, se preparavam 3 dias antes, saiam correndo esticando fios pelas árvores, postes, para interligar o estúdio aos lugares de transmissão (Ibid., p.56).

Mário Mendonça e Ciro de Oliveira também lembram as dificuldades técnicas, os equipamentos eram grandes e pesados, o microfone o 'caixa de marimbondos': "em 1965, por exemplo, quando tivemos de fazer uma transmissão esportiva de Corumbá, levamos o gravador, que foi carregado por duas pessoas". [Narramos] "o jogo no domingo à tarde e tínhamos de esperar o trem ou o avião, que era só três vezes por semana, para trazer a fita com a narração" (ARCA, 1990, p.13).

Nesse período a Difusora perdeu audiência e credibilidade e João Saad terminou vendendo as duas emissoras. A PRI-7 foi vendida ao grupo dos irmãos Humberto e René Neder, que deram autonomia ao gerente Juvenal de Britto para

---

<sup>14</sup> Sociedade fundada em 1924 com o objetivo (frustrado) de tentar sintonizar emissoras de rádio de outros estados ou países. Transformou-se no principal clube social e recreativo da elite campograndense.

modificar a programação. Surgiu então a bem sucedida “Operação Margarida”, que trouxe para a emissora os melhores radialistas da época, e, com ênfase no radiojornalismo, na prestação de serviços e na utilização de unidades móveis tornou a Difusora novamente líder de audiência. A popularização que então tinha o rádio, e o sucesso da Difusora despertou o interesse dos políticos e a emissora promoveu diversos deles, que foram eleitos. O radialista Antônio Gomes de Moraes, que saiu da rádio Educação Rural para participar da “operação”, lembra como foi:

Acho que foi em 1967<sup>15</sup>, depois de mudar de prédio houve um trabalho muito bom, um trabalho de marketing, sobre a nova programação tendo como base a prestação de serviço, o radiojornalismo e em pouco tempo passou a liderar a audiência. Chegou um período em que por questões políticas, o Juvenal, que era gerente, e o proprietário, seu Rene Néder, fizeram acordo com Levy Dias<sup>16</sup>, que havia deixado a carreira militar para ser candidato a deputado, apoiado pelo governador Pedrossian, e ambos, Juvenal e Levy passaram a arrendar a emissora. E a rádio difusora deu um apoio muito grande, praticamente ajudou a elegê-lo (DONATO e REZENDE, op. cit., p. 11).

199

Os irmãos Neder venderam a rádio ao grupo do ex-prefeito Antônio Mendes Canale<sup>17</sup> que era desafeto político de Levy e Pedrossian e promoveu um desmanche da emissora<sup>18</sup>, com demissões em massa, destruição de mais de mil discos de 78 rotações, queima de todos os documentos, programação e registros. Discos que não foram queimados foram sorteados para os ouvintes (Ibid.). Mario Mendonça, contratado

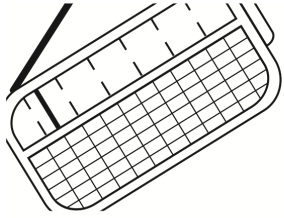
---

<sup>15</sup> Nesse ano a Difusora foi contratada para transmitir as sessões da Câmara Municipal (16ª. legislatura).

<sup>16</sup> Foi deputado estadual, prefeito, três vezes deputado federal e senador, pelos partidos: ARENA, PDS, PFL, PST.

<sup>17</sup> Foi deputado estadual de MT, deputado federal de MT, prefeito de Campo Grande, senador de MT, senador de MS.

<sup>18</sup> Em 1994 Mendes Canale negou que tivesse sido dono ou líder do grupo que comprou a rádio na década de 70 (DONATO e REZENDE, op. cit., p. 13).



## **PRI-7: Achegas para uma historiografia do rádio no Centro-Oeste**

Miguel Angelo Corrêa

para a “Operação Margarida”, lembra que, desempregado, teve de vender títulos de clubes para sobreviver:

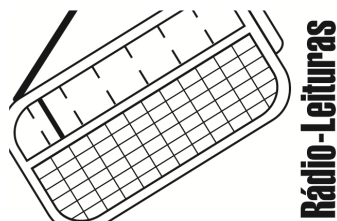
Era janeiro de 1970 foram trocadas as fechaduras da rádio. Quando o técnico foi abrir a rádio para pôr no ar, ficou de fora. E ele ligou pro gerente, o gerente me ligou. Aí chegaram os responsáveis pela rádio dizendo que ela havia sido vendida e que só ia abrir pra gente pegar o que estivesse nas gavetas. Movemos 12 ações trabalhistas contra a rádio. Em menos de 60 dias o juiz deu causa ganha e nós recebemos uma indenização milionária que quase quebra a rádio (Ibid., p.50).

Os novos proprietários mudaram a programação, tentando atingir um público mais elitizado e, segundo Antônio Gomes de Moraes, foi um desastre:

As pessoas que assumiram disseram que iam fazer uma emissora “classe A”, cortar as transmissões esportivas, o radiojornalismo, colocar músicas mais românticas. Nós achávamos que era difícil uma programação “classe A”. A maioria das pessoas gostava de ouvir música sertaneja, paraguaia, não seria da noite para o dia que se podia modificar esses hábitos (Ibid., p.12).

Robson Torres, que deixou o serviço militar e entrou como locutor na Difusora no final da década de 60 também passou pela “Operação Margarida” e conheceu o “*day after*” da vingança política, que arrasou com os arquivos da rádio:

quando o Juvenal de Britto deixou a rádio modificaram toda a programação da Difusora, mais de mil discos antigos foram doados à comunidade, eu mesmo ganhei muitos que tenho o orgulho de guardar até hoje. Os novos donos trouxeram outros discos e iniciaram uma nova programação que era uma maluquice para a época, com música estrangeira, com programas do tipo do Rio de Janeiro, vieram locutores de fora. O público não aceitava, aí a rádio foi criticada. O pessoal escrevia para lá dizendo que só tinha maluco. Era uma explosão no começo dos anos 70 que ninguém entendia. (Ibid., p.60).



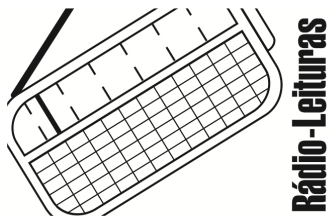
Em pouco tempo a rádio perdeu publicidade e irritou os ouvintes, com as músicas consideradas de vanguarda para a época. Terminou novamente vendida, desta vez para o Grupo Zahran.

Luis Landes administrava a emissora quando um acidente com um caminhão da prefeitura derrubou a torre da Difusora, em 1993. Só conseguiu colocá-la no ar novamente depois de um ano, com um gasto de 68 mil dólares, segundo ele, equivalente ao faturamento de um ano (Ibid., p.56). Landes lembra uma história sobre a rádio durante a ditadura:

O Allan Kardec era um amigo, assíduo freqüentador da rádio, ia todos os dias lá. Era sete da noite quando ele chegou. Em seguida chegou a guarnição militar. O Allan Kardec havia saído para comprar café para nós. Os militares levaram todos presos e deixaram sentinelas. Quando ele voltou, foi preso. Ele se justificou dizendo que não era funcionário, e foi solto. Mas ficou preocupado com a emissora aberta e voltou para fechar a rádio, foi preso novamente. Foi solto e pensou em avisar o gerente que ela estava aberta. Quando estava no telefone público para ligar para o gerente, o telefone dele estava grampeado e ele foi preso de novo! (Ibid., p.57)

Robson Torres também viveu o desconforto da “revolução”. Apesar de começar a trabalhar em rádio quatro anos depois do golpe, ele lembra que a vigilância era grande. Certa vez

a emissora estava fora do ar, e existe o *preview*, em que o locutor conversa com o operador, e um operador de som começou a fazer o papel de locutor e trocaram as posições. Ele estava lendo um noticiário que falava no exército, mas isso era fora do ar, e ele não tinha ideia de que a rádio tinha entrado no ar, danou a falar contra o exército. Dali a pouco chegou um choque da polícia do exército e prendeu todo mundo (Ibid., p. 60).



## PRI-7: Achegas para uma historiografia do rádio no Centro-Oeste

Miguel Angelo Corrêa

Edison Paiva também atuou na difusora na década de 1970, como locutor, com programas que se encerravam à meia-noite, quando ele recebia a visita de um agente: “vivíamos em plena ditadura militar e à mercê da implacável censura. Nesse horário eu protocolava comunicados de faixas que não podiam ser tocadas, publicações proibidas e notícias envolvendo a repressão, também vetadas” (FREIRE e PINTO, 2012, p.78).

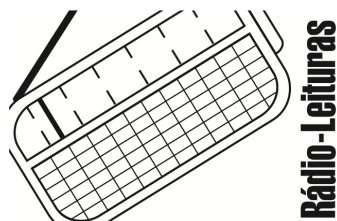
Ciro de Oliveira, que começou em 1968 e foi discotecário e gerente, quando ela já pertencia ao grupo Zahran, também sofreu durante “a gloriosa”:

Os anos 70 foram os ‘anos de chumbo’ da ditadura militar, portanto está aí para vocês assistirem o filme Zuzu Angel<sup>19</sup>. A programação tinha que fazer antecipado e levar na polícia federal. Música de duplo sentido era eliminada. Lembro que Chico Buarque fez a música “Apesar de Você”, a gente não podia tocar. Em meados de 70, Lennon declarou os Beatles mais famosos que Jesus Cristo. [Nessa época eu trabalhava na Rural], uma rádio que pertencia aos padres, nós fomos proibidos de tocar Beatles, me lembro do padre com uma chave de carro riscando os discos de vinil. Me lembro também de uma música chamada *Algo fácil de olvidar* (Los Celestiales), como os músicos eram de Ponta Porã, então vinha do Paraguai, por isso era considerada contrabando e a gente não podia tocar (COGO et al., 2006).

Pelos microfones da PRI-7 o campo-grandense ouviu pela primeira vez as vozes de inúmeros artistas que iriam fazer carreira e encantar corações e mentes. Alguns deles, inseguros e inexperientes, como Delanira Pereira Gonçalves, a “Delinha” que,

---

<sup>19</sup> Filme de Sérgio Rezende, baseado na vida de Zuleika Angel Jones, estilista brasileira famosa internacionalmente, morta em 1976 em acidente automobilístico (provável atentado da ditadura), mãe do militante político Stuart Angel Jones (preso em 1971, torturado e morto no Centro de Informações da Aeronáutica). Quando sofreu o atentado, Zuzu liderava luta para recuperar o corpo do filho. Documentos vazados pelo Wikileaks confirmam essa versão. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cidadania/2013/04/wikileaks-eua-nao-descartavam-assassinato-de-zuzu-angel>>. Acesso em: 15 fev. 2014.



Ano V, Num 01  
Edição Janeiro – Junho 2014  
ISSN: 2179-6033  
<http://radioleituras.wordpress.com>

atualmente, aos 77 anos, continua ativa. Seu primo Délio a ensinou tocar violão, mas “na primeira vez que cantaram juntos, ela teve vergonha do violão pequenino com o qual estreou na PRI-7” (ROSA, 1999). A famosa dupla “Délio e Delinha”, ainda não existia. Os felizardos ouvintes da emissora conheceram primeiro “Nhô Tuca” e “Nha Delinha”, que ainda eram solteiros, e depois se tornaram “Duo Pintassilgo”. O sucesso foi grande na provinciana Campo Grande, mas somente depois de se casarem e mudar para São Paulo, é que a dupla foi batizada com o nome que a consagrou por todo o país.

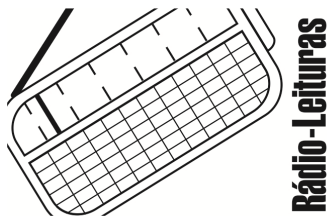
A estreia do casal aconteceu no programa de auditório da PRI-7, conduzido por Sabino Preza. A parte engraçada ficava por conta do humorista Chirico. Muitos bons cantores alegraram as manhãs de domingo dos campo-grandenses: Frankito, os Irmãos Gonçalves, Julião Medina, os Irmãos Roberto, Duo Pingo D'água (ROSA, op. cit. p.285).

203

Sabino Gonçalves Presa, um dos primeiros animadores de auditório, conta que a rádio cobrava um preço simbólico para o ingresso. O objetivo não era lucrar com a plateia, mas sim promover o rádio. Criou programas de auditórios muito populares e se tornou vereador. Ele lembra como era divertido o trabalho:

era uma festa aquilo ali, era uma briga pro pessoal entrar. Havia até sururu na porta da emissora, e era um movimento tremendo. Era um incômodo até. Muitas vezes eu fiquei preso dentro da rádio. Ficava uma multidão lá fora querendo me abraçar, me beijar, e eu saía, e ainda tinha um grupo que saía correndo atrás de mim. Os programas eram ouvidos na cidade inteirinha, não tinha outro divertimento, era a única emissora na cidade (DONATO e REZENDE, op. cit., p.10-42).

Nascido no “dia da mentira” - primeiro de abril de 1919, Sabino conheceu Getúlio Vargas, Filinto Muller, Juscelino Kubitschek, viu seu trabalho ser censurado



## **PRI-7: Achegas para uma historiografia do rádio no Centro-Oeste**

Miguel Angelo Corrêa

pela ditadura militar, mas o que mais o marcou foi ter sido um dos primeiros passageiros do “Trem do Pantanal<sup>20</sup>”:

Você precisava ver que coisa maravilhosa! Eu fui no trem, fazendo a cobertura toda. Naquele tempo nós tínhamos um gravadorzinho de arame, não tinha fita ainda, eram uns araminhos magnéticos, nós lidávamos com um sacrifício tremendo com as aparelhagens, fazíamos muitos improvisos (Ibid., p. 41).

Duas “lendas” do rádio campograndense, Ramão Achucarro e Pereira Jr. lembram bem uma história bizarra com Sabino Presa:

a visita de Nossa Senhora de Fátima, transmitida pela rádio. Sabino acompanhava a procissão, sentado na frente do furgão dirigido pelo Fuad Maluf, grande colaborador do rádio na parte técnica. Como o Sabino estava na frente, o Fuad não enxergava nada. O Sabino ia narrando a procissão e orientando-o, onde tinha buraco. Sabino estava muito compenetrado transmitindo a Ave Maria quando o furgão caiu num buraco e o Sabino disse: “Oh, Fuad! Olha o buraco, Porra!...”(sic). Isso no meio de uma Ave Maria! Foi inesquecível... (ARCA, 1990, p.10).

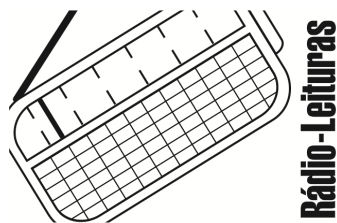
A primeira radialista de Campo Grande, a bela Japira Alves do Vale, começou na PRI-7. A exemplo do fundador da rádio, também era polivalente: filha de político<sup>21</sup>, foi professora, trovadora, bibliotecária, locutora, cartorária e funcionária da OAB no Rio de Janeiro (GARCIA, 2005).

---

<sup>20</sup> Apelido do serviço de trem da antiga Estrada de Ferro NOB (posteriormente RFFS; Ferrovia Novoeste; e atualmente ALL) que vai de Bauru a Corumbá. Tornou-se passeio famoso pela beleza, às vezes confundido com o “Trem da morte”, apelido da parte de Corumbá até Santa Cruz de La Sierra. Atualmente só pequeno trecho, entre Campo Grande e Miranda, tem tráfego (intermitente) de passageiros.

<sup>21</sup> Filha de Senhorinha Alves do Vale e de João Alves Pereira, 4 vezes vereador e presidente da Câmara.





Doralice Vargas, a “Rainha do rádio”, também brilhou nos palcos da Difusora. A doce voz baiana começou fazendo locução e cantando em programas de calouros em Juazeiro, mas consolidou a carreira no centro-oeste:

eu cantei muito nos palcos da PRI-7. Mesmo quando não trabalhava lá, eles me convidavam. Fiz shows nos cines Santa Helena, Alhambra, ficavam lotados, todos eram patrocinados pelas emissoras (DONATO e REZENDE, op. cit., p. 46).

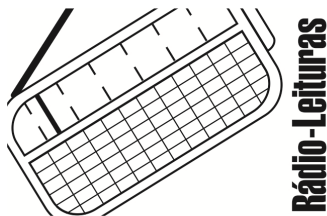
Atuou em teatro, foi discotecária, bilheteira, radioatriz, cantora, apresentadora, fazia as personagens femininas das radionovelas de Onésimo Filho, e “na ‘Escolinha Bossa Nova’ era a ‘Dona Bibi’”. Eu trabalhei com Carlos e Ramão Achucarro, tudo era feito no estúdio. Ficamos muito famosos com o programa”. Dora também fez shows nos clubes da capital, viajou todo o interior do estado e, a convite de Nassura, apresentou o “Audições Doralice Vargas”, o primeiro de uma série de programas que ficaram muito conhecidos (Ibid.).

O famoso Nassura, figura fundamental não só do rádio, mas da cultura e do entretenimento no MS, e até fora dele<sup>22</sup>, também deu os primeiros passos na Difusora. Nascido Nasralla Siufi, herdou o espírito festeiro do pai comerciante, e foi polivalente pelas diversas emissoras onde distribuiu sua alegria de viver. Estreou cantando “Pobre engraxate” no programa de Jorge Chamas (Ibid., p. 44), levantando sucessivos prêmios na PRI-7. Foi aprovado num teste para locutor esportivo com uma condição, determinada por Antonio Carlos Martins: tinha de trabalhar de graça! Mais tarde viria a gerenciar a rádio.

Criou uma dupla caipira, “Tapera do Taquara”, que não prosperou, mas deu origem a um programa homônimo, onde ele e Ferreirinha (o Taquara) se apresentavam: “ele tocava violão e eu declamava. A gente fazia piadas, tudo no improviso” (Ibid.). Dentre suas inúmeras façanhas, em 1965 Nassura trouxe nada

---

<sup>22</sup> Também foi radialista e empresário em Cuiabá, Campinas e São Paulo (ROSA, op. cit.).



## **PRI-7: Acheugas para uma historiografia do rádio no Centro-Oeste**

Miguel Angelo Corrêa

menos do que Pelé, então ídolo já consagrado, para jogar no “estádio” Belmar Fidalgo<sup>23</sup>:

foi um sufoco aquele jogo do Santos com Pelé, a loucura dos torcedores era tanta que teve gente que falsificou ingresso para entrar no Belmar. Todos os meus amigos disseram que eu era louco trazendo uma celebridade como o Santos num campo tão precário e totalmente sem segurança, tive o maior prejuízo”. (Ibid., p. 45).

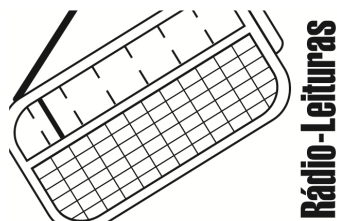
Além de times famosos, Nassura trouxe a Campo Grande espetáculos do teatro de revista, peças de sucesso e atores famosos como Rodolfo Mayer, Angelita Martinez, Vicente Celestino, Ângela Maria, Dalva de Oliveira, Colé, Roberto Carlos, Trio Los Panchos, Rolandro Boldrin, Alvarenga e Ranchinho, Bienvenido Grandra, dentre outros.

Juca Ganso, outro “gigante” do rádio do centro-oeste também lembra detalhes dos programas criados por Nassura:

era “Tapera do Taquara”, foi o começo da história, na Difusora, aí foi onde nasceu o nome de Juca Ganso. Tinha o diretor que fazia este programa, o Nasralla Siufi e o Rádio Maia, quando eu entrei na rádio. Aí ele me chamou, tive a oportunidade de ver, e ele falou: “Carlos vem cá” - e ele viajava muito, que na época, já era empresário. Ele falou: “Eu viajo muito e você, a partir de amanhã, vai comandar o programa sertanejo para mim”. Eu falei: “De jeito nenhum! Não dou para isso...”. Mas ele já tinha visto minhas palhaçadas: “Você tem jeito, sim, vamos combinar da seguinte maneira. Eu vou fazer o programa e você vai entrar ao vivo, vai chegar, abrir o estúdio, entrar: ‘Oh, meu grande amigo e tal’ eu não te via há tanto tempo e coisa e tal, te abraço, seu nome vai ser Juca Ganso”. Aí levou a breca tudo! (COGO et al., 2006).

---

<sup>23</sup> Praça Esportiva Belmar Fidalgo, no centro de Campo Grande, onde havia um campo com pequena arquibancada, mas somente com muito exagero se poderia chamar de estádio.



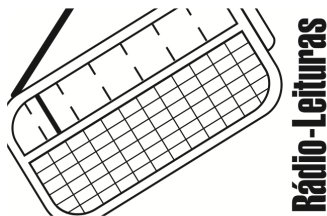
Quando Carlos Sebastian Achucarro era criança, “a cidade era um ovinho, tinha a emissora que comandava, a PRI-7”, e ele nem sonhava que no futuro seria conhecido por ‘Juquinha’ até por seus familiares. Juca começou “na Difusora e na Cultura, trabalhavam juntas no mesmo prédio, que eram da Cadeia Verde-amarela Bandeirantes São Paulo” (Ibid.). O bordão mais tradicional e famoso do rádio sul-matogrossense, “Quem ouvir, favor avisar”, nasceu no programa “A hora do fazendeiro” que, por cerca de três décadas, prestou um serviço importantíssimo a todo interior do estado e, como já observou a revista Rádio-Leituras, foi até objeto de investigações acadêmicas (JACKS, 2010, p.34). Juca conta a origem do programa:

como eu já disse, cidade pequena e tal, tinha uma casa comercial com artigos do campo que chamava Casa do Fazendeiro<sup>24</sup>. Nela o movimento era enorme, vinha o pessoal que morava na fazenda, levava os artigos que eram necessários e, um dia, o proprietário teve uma ideia e falou com os fregueses: “O senhor mora em qual fazenda? O senhor volta quando? O senhor não quer mandar um recado para a sua família que vai amanhã de caminhão ou a cavalo?”. Então, ele foi crescendo, tornando-se um programa de utilidade pública. Nós fazíamos uns 40 avisos por dia. A Casa do Fazendeiro fechou, mas a emissora continuou com “A Hora do Fazendeiro” (COGO et al., 2006).

Nascido em Pedro Juan Caballero - como seu irmão, Juca era uma personalidade simples, cuja humildade todos são unânimes em ressaltar. Criou, numa época em que “ser caipira” carregava um forte estigma – bem diferente da atual, onde

---

<sup>24</sup> Fundada na década de 1950 por veterinário recém-formado, que criou o programa com propaganda da casa e música sertaneja. Durante atendimento a uma fazenda distante, o capataz desta sugeriu a ele que anunciasse seu retorno previamente pelo programa, e assim já deixaria o gado preparado. Nasceram então os avisos que “eram para os fazendeiros como o ‘Repórter Esso’ da Rádio Nacional” (Silvio Amado apud FREIRE e PINTO, 2012).



## **PRI-7: Achegas para uma historiografia do rádio no Centro-Oeste**

Miguel Angelo Corrêa

o sertanejo é modismo - um estilo próprio de comunicação com a população, que a conquistou:

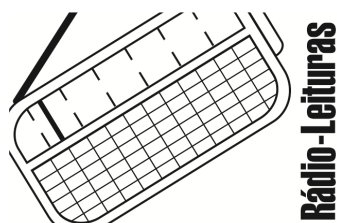
era um internamento, um falecimento, a criança que nasceu, então eu me acostumei com aquele chavão, nasceu a criança é 'guri homem' ou se era 'menina muié', 'nóis vai', 'nóis vortô', o povo adorava: "Seu Juca, 12 horas sentamos para o almoço com o rádio na mesa para ouvir os avisos e daí ninguém conversava, porque, às vezes, não vem um recado para nós, mas para um vizinho de sete léguas. A gente pega um cavalo e vai avisar o vizinho distraído que, às vezes, perdeu 'A Hora do Fazendeiro'" (COGO et al., 2006).

A simplicidade e o bom humor cativaram a audiência, e não eram raros recados divertidos ou maliciosos como "a porca da sua mãe, o burro do seu pai, para esperar na porteira", ou "avisa fulano que o negócio do cavalo está em pé". Ao longo da carreira Juca foi homenageado com muitas "placas", virou nome do "Troféu Juca Ganso" (concedido pela Rádio FM 97 de para personalidades da comunicação), recebeu o título de Cidadão campo-grandense, medalha de mérito da Assembleia Legislativa, além de muitas galinhas, flores e hortaliças que recebia do público.

Era utilidade pública. Isso foi onde eu cativei muitos corações, porque não tinha dinheiro, não tinha telefone, não tinha nada. "Seu Juca, perdi a hora" e eu falava: Não tem problema, pode ditar que eu estou escrevendo. Então, eu cativei muitos corações com isso. Encontrei pessoas que vieram falar: "Seu Juca, eu devo um favor ao senhor que o senhor não lembra. Eu fui na rádio e não tinha dinheiro e o senhor falou o meu anuncio quatro vezes!" (Ibid.).

Depois de mais de quarenta anos no ar, por várias emissoras, problemas na visão interromperam sua carreira, mas, até seu falecimento, continuou recebendo o carinho e reconhecimento da população cujo destino, muitas vezes, com um detalhe, ajudou a mudar:

[Certa vez] chegou um moço no final do expediente e disse que procurava a sua mãe, que há muitos anos não tinha contato. Eu falei



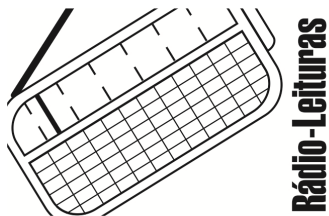
Ano V, Num 01  
Edição Janeiro – Junho 2014  
ISSN: 2179-6033  
<http://radioleituras.wordpress.com>

para ele se ajeitar num banco da rádio que amanhã a gente ia fazer o encontro deles. Aí ela veio e foi emocionante, me lembro como se fosse hoje. Ela chegou na porta da rádio e parou. Aí ele estava em pé na porta e ela veio, aí eu falei: 'Olha aí o rapaz'. E não deu outra, um era o filho e a outra era a mamãe. Aí foi aquela coisa emocionante. E esse é nosso trabalho de comunicação de perdidos e achados (Ibid.).

Na famosa “Escolinha Bossa Nova”, de Onésimo Vale do Espírito Santo, Juca Ganso era o “Lírio-dondoca”, hilário aluno afeminado, enquanto seu irmão, Ramão, era o “Didico”, segundo ele próprio: “o aluno travesso da aula. Sempre estava provocando o professor, que era o Nassura”. Ramão, que foi eleito vereador em 1972 e reeleito diversas vezes, começou bem antes de Juca, e dizia ter nascido predestinado para o rádio. Antes de ser locutor da Difusora e gerente da Cultura, foi *office-boy* na Rádio Nacional do Rio de Janeiro: “Conheci Jorge Cury, César de Alencar, Chacrinha, César Ladeira, Henriqueta Brieba, Mário Lago, Paulo Gracindo, a Nacional era a rádio mais famosa do Brasil”. Em 1956 era alfaiate, ao lado do antigo Cine Trianon, e o gerente da Difusora, seu amigo Rádio Maia, o chamou para trabalhar na emissora. Essa amizade rendeu-lhe um grande problema, pois no golpe militar de 1964 foi preso, acusado de comunista: “Acho que por ser amigo do Rádio Maia que, na época, fazia parte de um partido, me deduraram e fui preso, fiquei uma semana com os militares, só por que eu trabalhava em rádio, era malvisto [pelos militares]” (DONATO e REZENDE, op. cit., p. 48).

Em 1995 a Difusora incluiu novamente o esporte e a notícia na programação, dessa vez de forma intensa, transformando-se numa emissora essencialmente jornalística. Passou a ser afiliada da Rede CBN, mudou seu nome fantasia para CBN PANTANAL, tornando-se a única emissora “*all news*”, de Campo Grande, permanecendo na rede por 10 anos (DIFUSORA, 2014).

Em 2005, já pertencendo a Rosa Pedrossian, muda novamente o nome fantasia, para Difusora Pantanal (AM-1240 kHz). O esporte permaneceu “como um dos carros-



## **PRI-7: Acheugas para uma historiografia do rádio no Centro-Oeste**

Miguel Angelo Corrêa

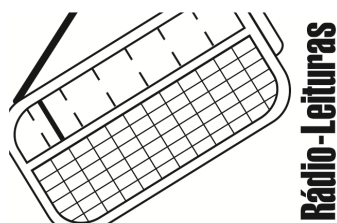
chefes da emissora que, em 2010, foi a única do estado a gerar a transmissão da Copa do Mundo da África do Sul para uma cadeia de 35 emissoras” (FERNANDES, 2011, p. 139). O programa “Difusora Esporte Clube” com a equipe “Bola de Ouro” dirigida por Ricardo Paredes, atualmente ainda no ar, era um dos campeões de audiência (Ibid.).

Uma palavra atualmente “na moda” serve para definir a programação atual da rádio: eclética. De futebol ao vivo a pregações evangélicas, de prestação de serviço a políticos radialistas, de radiojornalismo a programas “românticos”, samba, “batidão sertanejo”, cancionero brega setentista, *rock’roll* clássico, quase tudo tem espaço na programação.

Já no início de 2010, Fernandes (2011), chamava a atenção para as duas horas e meia diárias de programação conduzidas por membros do legislativo, e o fato de um programa religioso (Hora da prece) ser o de maior duração. Listava pessoas que tinham programas na grade da emissora: o ex-deputado Maurício Picarelli (PMDB); o missionário evangélico Rozair Dias. O esporte era um dos carros-chefes da emissora e, no noticiário, boletins de três minutos veiculados de hora em hora, além do programa Boca do Povo, cativavam as classes C, D e E (FERNANDES, op. cit.).

O esporte e o noticiário sofreram poucas mudanças. Atualmente o programa mais longo é o Musical Variado (sete horas), porém, a quantidade de políticos e religiosos na grade só fez aumentar. Seis programas apresentados por quatro pregadores de diversas religiões, e nada menos que quatro vereadores ou deputados usufruem da audiência da rádio, num total de vinte e quatro horas semanais em “horário nobre”.

Finalizando esse resgate de parte da história do rádio no centro-oeste, observa-se que, prestes a completar três quartos de século no ar, a pioneira, ao menos tecnicamente, continua na vanguarda. Além de atingir um raio de 300 km em linha reta, abranger 70% do estado, e estar na Internet, seus ouvintes interagem pedindo músicas pelo telefone, enviando “torpedos” para o celular da rádio, escrevendo na



página da rede social *Facebook* ou deixando recados para os locutores ou ouvintes na página do site. Segundo B. de Paula, a emissora é líder de audiência em AM, e “briga” com as FMs, com o maior faturamento líquido de ambas as faixas. É “a única emissora a manter equipe e programas esportivos e cobrir assembleia, governo, tribunais, prefeitura, câmara, e noticiário policial” (PAULA, 2014). O diretor Robson Gatti <sup>25</sup> afirma é a primeira do estado a ter enviado a documentação para a migração da faixa de AM para FM, e já tem definida sua nova frequência: 95.1 MHz. Isso foi possível, conforme B. de Paula, “por estar em dia com toda exigência, impostos”, e demandou de 300 a 500 mil reais. “O próximo investimento da emissora será em veículos de reportagens, profissionais, finalizar o novo prédio, e iniciar a urbanização do terreno”, e o lançamento do programa “A voz da polícia” (PAULA, 2014).

Dessa forma, conclui-se que, embora esse resgate não possa ser considerado um trabalho definitivo (até pelo fato de fazer parte de uma pesquisa maior, em andamento, que investiga, para um painel mais abrangente, as demais rádios dessa região, geograficamente central no continente, porém periférica no país), ficou patente a relevância dos critérios de oralidade nos moldes de Paul Zumthor, ao fornecer o suporte que tornou possível a recuperação, ainda que parcial, da história de uma das mais antigas emissoras em operação no país.

### Referências bibliográficas

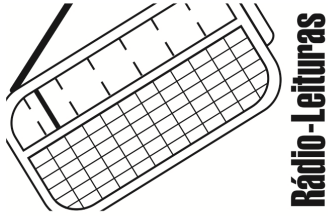
**ARCA - Revista do Arquivo Histórico de Campo Grande MS** – A história do rádio em Campo Grande. Campo Grande: ARCA, n.1. 1990.

CAMPOS, P. A. Do 1º rancho à locomotiva 44: achegas para a história de Campo-Grande. In: **ÁLBUM de Campo-Grande**. Campo Grande-MS: [s.n], 1939.

CHRISTOFARI, F.; CALAZANS, M. **580 AM**. Da Rádio Educação Rural à Imaculada Conceição. Trabalho de conclusão de curso (Jornalismo) – Universidade Anhanguera Uniderp, Campo Grande, 2009.

---

<sup>25</sup> Entrevista ao autor em 21 fev. 2014.



## PRI-7: Achegas para uma historiografia do rádio no Centro-Oeste

Miguel Angelo Corrêa

COGO, R. et al. **A comunicação no rádio**: a tradição dos programas radiofônicos em Campo Grande. Trabalho de conclusão de curso (Comunicação Social –Jornalismo) - UFMS, 2006.

DIFUSORA PANTANAL. História da rádio. Disponível em: <<http://www.difusorapantanal.com.br/v1/index2.php?pg=historia>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

DONATO, V.; REZENDE, O. **Sintonia do Passado**: a história do rádio em Campo Grande contada de boca em boca. Trabalho de conclusão de curso (Comunicação Social – Jornalismo) - UFMS, 1994.

FERNANDES, M. L. Panorama do rádio em Campo Grande. In: PRATA, Nair (Org.). **Panorama do rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2011, v. 01, p. 131-148.

FREIRE, H.; PINTO, V. **RADIO**: A voz da história Sul-Mato-Grossense. Campo Grande: IHGMS, 2012.

GALVÃO, O. **Academia de Medicina de Mato Grosso do Sul**: História da Medicina de Campo Grande. Disponível em:<[http://www.academiademedicinams.org.br/historia\\_medicina\\_cg.html](http://www.academiademedicinams.org.br/historia_medicina_cg.html)> .Acesso em: 20 fev. 2014.

GARCIA, M. Japira Alves do Vale: a primeira radialista de Campo Grande. In: **Série Campo Grande Personalidades – Ano 7**, Campo Grande: FUNDAC/ARCA, 2005. p. 49-53.

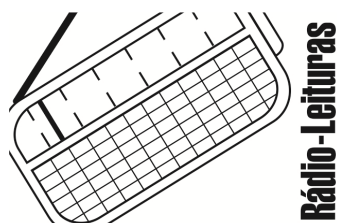
JACKS, N.; KNEWITZ A. P.; RIBEIRO L. P. Os rumos dos estudos de recepção radiofônica: década de 2000. **Revista Rádio-Leituras**: Santa Maria, UFSM, Ano I, n. 1, p. 25-43, jul./dez. 2010. Disponível em: < <http://radioleituras.wordpress.com>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

**Jornal Correio do Estado**. Em 1939, o fim da chiadeira. Campo Grande, 25 ago. 1999. Caderno Especial - Campo Grande 100 anos, p. 1.

LOPES, V. O rádio mato-grossense e a contribuição do boateiro. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 26, 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <<https://blog.ufba.br/portaldoradio/gp-radio-e-midia-sonora/anais-gp-radio-e-midia-sonora/2003-2/>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

MACHADO, P. C. **Pelas ruas de Campo Grande**: a Rua Velha. Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1990.





Ano V, Num 01  
Edição Janeiro – Junho 2014  
ISSN: 2179-6033  
<http://radioleituras.wordpress.com>

MIRANDA, M. A evolução da imprensa em Campo Grande. In: **Série Campo Grande –** Ano I, Campo Grande: FUNCESP/ARCA/UFMS, 1999. p. 61-71.

MONTEIRO, J. **O Boateiro e sua janela mágica.** Cuiabá: Academia Matogrossense de Letras, 1992.

MOREIRA, D.; ABELINO J. M. O Começo do rádio no antigo sul de Mato Grosso: instalação das primeiras empresas e seus objetivos (1930-1970). **Revista História em Reflexão:** Dourados, MS, Vol. 4, n. 8, jul./dez. 2010.

NUNES, P. **Polícia Militar de Mato Grosso do Sul:** Tenente-coronel PM Severino Ramos de Queiroz. Disponível em: <<http://www.pm.ms.gov.br/templates/apresentacao/componentefixo/gerador/gerador.php?pag=4510&template=21>>. Acesso em: 28 fev. 2014.

OTA, D. C. **A Informação Jornalística em Rádios de Fronteira:** a questão da binacionalidade em Ponta Porã - Pedro Juan Caballero e Corumbá - Puerto Quijarro. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). USP, 2006.

\_\_\_\_\_. **Hora do Fazendeiro:** Estudo de recepção de rádio na Comunidade Negra Furnas de Boa Sorte. Dissertação (Mestrado em Comunicação). UMESP, 2000.

PAULA, B. de. **Entrevista:** Benedito de Paula Filho (B. de Paula). Campo Grande, 24 mar. 2014. Entrevista por e-mail concedida ao autor.

PINHEIRO, M.; FISCHER, N. **Salas de sonhos:** história dos cinemas de Campo Grande. Campo Grande: UFMS, 2008.

RODRIGUES, J. B. **História de Campo Grande.** São Paulo: Resenha Tributaria Ltda., 1980.

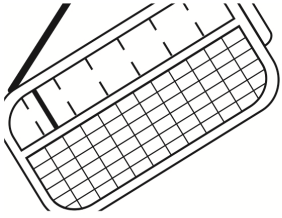
\_\_\_\_\_. **O primeiro jornal de Campo Grande.** Campo Grande: Litero-técnica, 1989.

ROSA, M. **Deus quer, o homem sonha, a cidade nasce:** Campo Grande cem anos de história. Campo Grande: FUNCESP, 1999.

TRUBILIANO, C.; MARTINS Jr., C. O progresso chega ao sertão: transformações urbanas em Campo Grande no início do século XX. **Revista de História Regional:** Dourados, 13(2), p.246-262, 2008.

UFMS. **Portal de Mídia – Jornalismo:** Rádio Difusora Pantanal AM 1240. Disponível em: <<http://www.portaldemidia.ufms.br/?p=417>>. Acesso em: 28 fev. 2014.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz:** a “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

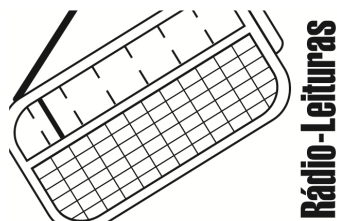


**Rádio-Leituras**

## **PRI-7: Acheegas para uma historiografia do rádio no Centro-Oeste**

Miguel Angelo Corrêa

\_\_\_\_\_. O empenho do corpo. In: Meditsch, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005.



Ano V, Num 01  
Edição Janeiro – Junho 2014  
ISSN: 2179-6033  
<http://radioleituras.wordpress.com>

### **Abstract**

Historical review of the first broadcasting station of Campo Grande, MS, the PRI-7, currently known by DIFUSORA PANTANAL AM 1240 kHz, one of the oldest in operation in Brazil. The research is based in the oral tradition of culture transmission, as proposed by Paul Zumthor.

**Keywords:** Radio, History, Mato Grosso do Sul

### **Resumen**

Reseña histórica de la primera emisora de Campo Grande, MS, el PRI-7, conocida actualmente por DIFUSORA PANTANAL AM 1240 kHz, una de las más antiguas de la operación en Brasil. La investigación se basa en la tradición oral de la transmisión de la cultura, según lo propuesto por Paul Zumthor.

**Palabras Clave:** Radio, Historia, Mato Grosso do Sul